

" INTRODUÇÃO

AO

PENSAMENTO

DIALÉTICO "

DE EDUARDO SUCUPIRA FILHO

R E S E N H A

JOÃO LUIZ GONZAGA PEÇANHA (*)

(*) Professor de História do Brasil e História Moderna, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Durante alguns anos, a Filosofia viveu no ostracismo, excluída que fora dos currículos do segundo grau. Isso se refletiu até mesmo em muitas Faculdades, que chegaram a desativar os seus cursos de formação de professores de Filosofia, como foi o caso da Faculdade de Filosofia de Sorocaba, em 1973.

Mas, agora, a Filosofia já faz parte novamente das grades curriculares das escolas do segundo grau.

O ostracismo ao qual foi relegada decorreu, indiscutivelmente, da tentativa de despojar a juventude do hábito salutar de criticar, e criticar principalmente os desmandos daqueles que se auto-proclamaram membros vitalícios da Gerússia ou do Arcontado tupiniquins (como queiram). A propósito, cabe aqui lembrar que alguns, que outrora sempre vestiram o uniforme de exaltadores da Filosofia, tenham se calado diante de tal ignonímia, numa demonstração de auto-ostracismo acomodaticio.

Mas, por que despojar a juventude do hábito da crítica?

Ora, criticando, a juventude levanta problemas, contesta e incomoda. E nesse sentido, a Filosofia, quando ministrada como disciplina voltada para o despertar da consciência crítica, passa a ser incômoda. Hoje, graças às benesses dos deuses (entenda-se "deuses" na acepção grega, capazes de grandezas e baixezas) a Filosofia voltou aos currículos de que havia sido banida. Banida, sim, para ornar com o estilo de agir dos autores dessa infeliz proeza.

Atualmente duas questões são colocadas:

- Como ensinar Filosofia?
- Para que ensinar Filosofia?

Para ambas as questões existem respostas.

Para a primeira, ensinar a Filosofia como um instrumento de reflexão sobre a vida. O filosofar deve ser uma atitude de questionamento constante. E jamais ser substituído, sutilmente, por um condiciona

mento do indivíduo à assimilação passiva do que já foi concluído por outros. O filosofar deve ser a busca da verdade, ou das verdades, que dão conteúdo a cada momento histórico.

Quanto à segunda questão, a Filosofia deve ser ensinada para que o indivíduo aprenda a usá-la como agente de transformações das condições humanas pela reflexão, na medida em que estas deixem de corresponder às necessidades materiais e intelectuais.

Assim, o ensino da Filosofia não terá sentido humanístico autêntico se ministrado como mera exposição da evolução cronológica das escolas filosóficas, desde as origens, sem algum enfoque estimulador da consciência crítica.

A Filosofia se autentica pela práxis. Não pode ser reduzida a mero diletantismo delimitador, volta do a uma postura reflexiva para si mesmo, sem qualquer compromisso com a realidade, ou seja, com a História.

Por tudo isso torna-se muito interessante o livro mais recente de Eduardo Sucupira Filho, intitulado "INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DIALETICO", editado pela Alfa-Omega, com 104 páginas, dedicado ao seu "mestre e amigo", professor João Cruz Costa.

O A. é um filosofante, conforme ele próprio se intitula. Esteve em Sorocaba, em 1.981, proferindo uma palestra sobre a obra de Sartre, na Faculdade de Filosofia.

Haverá quem o julgue tendencioso por dar destaque ao método dialético no filosofar, pois dialética, via de regra, é logo atrelada à subversão e, "necessariamente", ao marxismo. Porém, ao que se sabe, a preocupação com a dialética vem da Grécia clássica, com Heráclito, quando nem mesmo os tataravós de Marx sequer existiam...

Mas, na verdade, este livro de Sucupira deve ser considerado como mais uma contribuição ao debate filosófico ligado ao histórico. Até porque dá ênfase a um aspecto do "pensar" filosoficamente que

muitos confundem, de propósito ou por desconhecimento de causa, com "pregação subversiva", embora o método dialético não tenha necessariamente uma determinada conotação política ou ideológica definida, uma vez que até os "anti-subversivos" usam do mesmo método (dialético) para alcançarem os seus fins, quando percebem as contradições entre os adversários.

O próprio A. alerta para o fato de que Heráclito se empenhou em "descobrir" um método de análise da realidade, para combater o que ele (Heráclito) não aceitava, ou seja, a democracia na Grécia (v. pag. 31).

Trata-se de um livro que reflete a postura intelectual do autor.

Enfatiza o que lhe é mais valioso em matéria de posicionamento de "filosofante", porém dentro de um critério analítico que não despreza a importância das demais correntes filosóficas, no tocante ao progresso do pensamento filosófico.

Discorre e analisa, da Grécia antiga até a atualidade, sobre a evolução da Filosofia, através dos pensadores.

Não peca pelo dogmatismo nem pela ortodoxia. Tão somente insiste em que se dê, ou se conceda, o devido lugar à dialética, lugar até hoje negado pelos "imobilistas do pensamento", os adeptos das verdades petrificadas, os mescladores de filosofia e credence.

Trata-se de um bom livro para os que desejam se iniciar nos estudos filosóficos, conforme diz o A. na sua nota preleminar, mas sem dogmatismo e preconceitos, acrescentamos nós.

-----*-----